

ENTREVISTA


André Silva Franco

“Meus grandes amigos são os do colégio.”

André Silva Franco entrou na Medicina Pinheiros direto do colégio. Atualmente está no último ano do curso e vai prestar o exame de Residência em Clínica Médica. Nesta entrevista ele fala de sua formação no colégio e detalha o curso de Medicina e as atividades extracurriculares de que participou, no colégio e na faculdade. Para quem quer Medicina ele lembra: “Tem que estudar. Você não vai aprender se não estudar”.

JC – Quando você escolheu Medicina como carreira?

André – Desde pequeno eu falava que ia ser médico. Medicina é uma carreira bem ampla. Você se forma médico e pode fazer mil coisas, desde atender pacientes a trabalhar em empresas, quase um administrador. Também gostava de ajudar e propiciar talvez algum conforto às pessoas. Acho que a união dessas coisas me fez ir para Medicina. Mas no 2º ano do Ensino Médio eu pensei em fazer Engenharia porque sempre me considerei de Exatas. Aqui no colégio fazia atividades de Física, Química, Matemática. Gostava também de Biologia e mudei. Por fim, fiquei com Medicina.

Tem algum médico em sua família?

Não, vou ser o primeiro. Meu pai é físico, trabalha na área de Física Nuclear, na área médica. Minha mãe é técnica em Radioterapia.

Você prestou quais vestibulares?

Prestei Fuvest, Unicamp e Unifesp. Fui aprovado em todos.

Quando você entrou no Etapa?

No 6º ano do Ensino Fundamental.

Medicina tem um vestibular muito concorrido. Isso mudou seus estudos?

Sempre fui bastante estudioso. Acho que uma das razões de meus pais me terem posto aqui foi pensando em Medicina. Eu fazia obviamente o obrigatório, mas tentava ir um pouco além.

Passava um bom tempo estudando fora da grade curricular. Durante todo o Ensino Médio fiz as aulas de preparação para olimpíadas de Física e Química sem nenhum prejuízo com disciplinas do colégio. Participava dessas atividades e estudava para o colégio normalmente.

Você chegou a ser premiado nas olimpíadas?

Sim. Ganhei medalha de ouro nas olimpíadas brasileira e paulista de Física e de Química. Em Química fui para a olimpíada internacional no Japão e ganhei medalha de bronze. Na Ibero-Americana de Química, no México, ganhei ouro. Foi uma experiência muito legal de vida. Desde 2011 eu organizo a Escola Olímpica de Química no Instituto de Química da USP. É um curso anual para alunos que participam das olimpíadas. Vários alunos do Etapa participam. Pelo menos uns 10, 15 todo ano. Meu curso de Química, se os alunos quiserem participar, é aberto [<http://eoquimica.com/p/home/>]. Este ano vai ser na última semana de junho.

Em que as olimpíadas contribuíram para sua formação acadêmica?

Exercitando meu raciocínio. Também na faculdade, acho que ajudou bastante. Embora não tenha mais matéria de Física ou de Química, você tem esses conhecimentos aplicados.

Como foi seu início na Pinheiros?

O primeiro semestre foi difícil. Eram aulas longas, quatro horas de manhã e quatro à tarde. Mas eu procurei manter meu ritmo

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1
ARTIGO

O uso da bioinformática no estudo de doenças complexas

5
ENTRE PARÊNTESES

Milhões

7
CONTO

Polítipo – Aluísio Azevedo

4
POIS É, POESIA

Alberto de Oliveira (1857-1937)

7
ESPECIAL

Alunos do Etapa são destaque na Olimpíada de Neurociências

8

padrão. Até hoje faço isso, para não acumular matéria. Acho que ter organização nos estudos ajuda muito na faculdade.

Esse esquema de aulas longas continua na Pinheiros?

No ano passado teve uma mudança no currículo. Agora são aulas mais curtas, tem mais janelas durante a semana. O aluno consegue se organizar mais.

Então foi uma mudança positiva?

Acho que sim.

Em que lugar os alunos têm aulas?

Durante os seis anos os alunos têm atividades na Cidade Universitária. No 6º ano é metade no Hospital das Clínicas e metade no Hospital Universitário.

Em linhas gerais, que matérias você viu em cada ano da faculdade?

Nos três primeiros anos temos muita Anatomia. No 1º ano tive Anatomia do Sistema Locomotor, Anatomia Cardíaca Pulmonar e Gastrointestinal. Tive as fisiologias – Fisiologia de Membranas, Fisiologia Cardíaca e Pulmonar. Tem as histologias, basicamente Biologia Celular – Histologia do Sistema Locomotor, Cardíaco, Pulmonar e Gastrointestinal. E no primeiro semestre tive Biologia Molecular, Introdução à Medicina, Noções de Enfermagem. Tive também Atenção Primária à Saúde quando a gente ia para UBS.

No 2º ano, como foi?

No 2º ano continuaram Anatomia, Fisiologia e Histologia. Anatomia do Sistema Geniturinário, Fisiologia Endócrina e Suprarrenal. No 3º semestre, Imunologia. No 4º semestre tem Bases Fisiológicas da Clínica Médica, que é um curso bem extenso. A gente via dentro de cada especialidade da Clínica Médica o conteúdo básico aplicado. Também no 2º ano, Epidemiologia e Gastroenterologia, este muito interessante. No 3º ano começam Dermatologia, Otorrinolaringologia, Oftalmologia, Farmacologia. Além disso, tive as Propedêuticas – quando aprendemos a examinar o doente: exame físico, fazer a história clínica, saber o que perguntar.

No 4º ano, o que teve?

No 4º ano, o primeiro bloco, é da Clínica Médica, em 12 semanas. Você passa na Clínica Geral e nas especialidades: Endocrinologia, Reumatologia, Gastroenterologia, Pneumologia, Cardiologia, Imunologia... São 10 disciplinas. No segundo semestre tem Clínica Cirúrgica e Moléstias Infecciosas, mais um bloco grande de disciplinas: Pediatria, Psiquiatria, Obstetrícia, Ginecologia, Neurologia, Radiologia. No 4º ano você começa a se sentir médico, já tem paciente que você acompanha nessas disciplinas de forma ainda superficial. Já no 5º e no 6º anos você é o médico do doente. Em todos os ambientes, seja enfermaria, ambulatório, pronto-socorro, no posto de saúde, na UBS, você atende o paciente como um médico mesmo. Todos os casos são discutidos em equipe e as condutas também, mas quem realiza essas condutas, o atendimento, é o interno, o aluno.

Como são os estágios no curso de Medicina?

No 5º ano, na faculdade, a gente tem muita enfermaria. Enfermaria tem que ter um esquema longitudinal. O doente está in-

ternado, você tem que vê-lo todo dia. No 6º ano é mais esquema de plantão, no pronto-socorro. Acaba seu turno, você vai embora. Embora tenha uma carga horária mais pesada, quando sai do plantão você desliga, relaxa.

O estágio faz parte da grade curricular?

Aí também é um ponto que mudou. No currículo antigo, em que eu estou, é uma coisa fixa. A gente mal tem horário livre para fazer um curso diferente, uma atividade fora. No novo currículo você tem um período de um mês, dois meses para fazer um estágio optativo. A ideia é que os alunos que agora ingressaram tenham esse tempo para fazer estágio em outros hospitais ou no exterior. Acho que o novo currículo vai ser bem melhor.

Na faculdade, além das aulas regulares, você participou de atividades extracurriculares?

Fiz muitas. No 1º ano participei do MedEnsina. Era plantonista e dei algumas aulas de reforço de Química.

Participou das Ligas?

Eu participei desde o 1º ano da Liga de Doenças Sexualmente Transmissíveis. No modelo antigo a gente só tinha contato com paciente no 4º semestre, e as ligas eram um meio de ver no 1º ano como era a carreira médica. No 1º ano, em setembro, comecei uma iniciação científica no Incor, numa área de Cardiologia Molecular, para acompanhar os efeitos de terapias, para melhorar o impacto pós-isquemia. Você tem um infarto, são usadas proteínas endógenas para reduzir as complicações. Mas é um modelo in vitro e com células, é bem molecular. Na cultura de células você tem que aprender a mexer no fluxo laminar para não haver contaminação, fazer análises de dosagem, usar técnicas de Biologia Molecular para analisar expressão de proteínas. Aprendi essas técnicas. E no 2º ano consegui uma bolsa para um projeto meu, nessa linha.

Qual o nome do projeto?

“Avaliação do efeito da proteína SPAK na secreção de colágeno de miofibroblastos de ratos infartados”

Já completou o projeto?

Ainda participo. A proteína SPAK está presente em todo mundo. Só que a gente pegava as células de coração de ratos infartados, fazia uma sobrecarga dessa proteína e via o que acontecia com as células. Normalmente, após infarto elas secretam muito colágeno para formar uma fibrose no coração. É um efeito desejável porque senão fica um buraco no coração. Tem que formar uma cicatriz. Só que em geral essa cicatriz fica exagerada e leva a um problema, o coração cresce e muitos anos depois dá uma deficiência cardíaca. A gente está vendo se a proteína SPAK reduz a secreção excessiva do colágeno para minimizar essa complicação.

Você esteve em outras ligas?

No 2º ano participei da Liga de Combate à Febre Reumática. No 3º ano fiquei um semestre na atividade de Acupuntura. Como existe o tabu, achei melhor ver como era para tirar minhas conclusões. No 3º e 4º ano, na Liga de Diabetes. No 4º ano inteiro eu participei da Liga de Urologia.

Alguma outra atividade?

Uma das minhas paixões na faculdade foi a Farmacologia, que tive no 3º ano. Tinha umas fórmulas de equilíbrio muito parecidas com cinética, fiz um resuminho que no fim tinha 400 páginas. O pessoal gostou e ele foi publicado como livro este ano. O título é *Manual de Farmacologia*. Sou o autor e o editor é o professor José Eduardo Krieger, meu orientador na iniciação científica. O livro tem 464 páginas.

Como esse livro foi recebido?

O pessoal da faculdade e de outras faculdades tem gostado.

É para o pessoal de Medicina?

Não, serve para Farmácia, Nutrição, Odontologia, Enfermagem. Foi publicado pela Manole, uma grande editora especializada em livros de Medicina.

Você já sabe em qual área vai se especializar na Medicina?

Eu gosto da parte de Clínica Médica. Agora, dentro da Clínica Médica tem as especialidades e aí não tenho nada fechado. Eu gosto da clínica de todas as especialidades.

Você está no 6º ano e tem a prova de Residência. Vai prestar em quais hospitais?

Por enquanto eu só pretendo prestar no HC.

Como é a prova de Residência?

São cinco áreas que caem: Pediatria, Cirurgia, Atenção Primária à Saúde, Clínica Médica e Ginecologia e Obstetrícia. É o conteúdo da graduação. É a matéria que você vê ao longo da grade de seis anos.

Isso na prova de Residência do HC?

Acho que é universal. Até a nota é a mesma. Parte teórica, 50%. Prova prática, 40%. Entrevista, 10%. O modelo de prova é o mesmo.

Você se lembra de seu primeiro paciente?

Dois pacientes me marcaram bem. Um deles foi o primeiro paciente que eu atendi, na liga de DST, no 1º ano. Era um senhor com 67 anos, ele tinha sífilis, que descobriu num exame de rotina e foi encaminhado para nosso ambulatório para fazer o tratamento. Nervoso, fiz umas duas, três tentativas para conseguir aplicar a medicação. Na minha ignorância, fiz ele sentir um pouco de dor nas picadas. Mas tem um acompanhamento, eu o segui por uns dois anos para ver se estava curado.

E o segundo caso, qual foi?

O outro caso que também me marcou no início foi na Bandeira, em Pernambuco [A "Bandeira Científica" é um projeto idealizado e posto em prática desde os anos 1950 pela Faculdade de Medicina da USP, para prestar atendimentos de saúde e sociais a populações necessitadas]. O paciente veio com vários exames, que ele pagou para fazer, tinha alguns sintomas graves, estava perdendo peso, sangramentos. Ele não sabia ler. Peguei

os exames para ver, ele tinha um câncer gástrico, bem avançado, com sinais de metástase. Não tinha mais chance de cura. Ele não ia sobreviver mais de dois anos, com certeza. Eu é que tinha que dar essa notícia a ele. Foi difícil para mim. Ele chorou bastante, eu segurei o choro. Em seguida ele me deu duas balinhas de café e me agradeceu pela forma como o tratei. Foi também um momento marcante. E anteontem, quarta-feira de madrugada, estava cheio o pronto-socorro, peguei a ficha de um paciente que já esperava há umas três horas para ser atendido. Examinei-o inteiro, quando ele estava indo embora eu lhe disse que ia discutir o caso com meu chefe e depois a gente conversava. Tinha 82 anos. Ele falou: "Foi a primeira vez que um médico me examinou". Isso também mexeu comigo. Deixa a gente triste. E feliz também porque você está criando um padrão de bom médico.

Quais são seus planos para o futuro?

Daqui a cinco anos acho que vou acabar minha Residência. Eu entrei com 17 anos na faculdade e meu serviço militar foi adiado. Vou ter que quitar minha dívida. Ano que vem provavelmente vou estar nas Forças Armadas.

Obrigatoriamente? Como fica a Residência?

Se você é chamado para as Forças Armadas e passa na prova de Residência, a sua vaga fica garantida por lei. Pretendo passar. E aí só em 2018 eu ingresso na Residência. Seriam dois anos de Clínica Médica e depois mais dois ou três anos na especialidade. E daqui a 10 anos gostaria de estar ligado à USP, gostaria de seguir carreira acadêmica, mas não só fazer pesquisa, gostaria de ter meu consultório ou atender no HC, fazer a parte de ensino e pesquisa. Meu plano é ficar ligado ao HC em pesquisa e assistência.

E como ficaram seus amigos da época do colégio?

Tenho muitos amigos. O grupo de amigos com que eu saio toda semana é do Etapa, que eu conheci na 6ª série. Bruno, Gustavo, Hélio. A Jéssica eu conheci no Ensino Médio, foi comigo para as olimpíadas internacionais, é do meu ano e é da minha panela do internato. Meus grandes amigos são os do colégio.

Voltando hoje ao Etapa, quais recordações você tem?

Muitas. Das aulas, dos professores, das Olimpíadas de Química. Ainda tenho contato com alguns professores. Dá bastante saudade daquela época. Lembro da Gincana Cultural. Acho que o pessoal tem que aproveitar, fazer as atividades extracurriculares, são momentos marcantes do colégio. São emocionantes essas atividades.

O que você pode dizer ao pessoal que vai prestar Medicina?

Tem que estudar. Você não vai aprender se não estudar. Tem que ter um cronograma, tem que se organizar. O que me ajudou muito foram as apostilas e as provas antigas. Eu resolvia todas as questões de tudo. Os testes e as escritas. Tem que estudar tudo. Tem que fazer o máximo de questão e ser organizado. Acho que é um esquema que pode dar certo. Funcionou para mim.